



SEÇÃO: ARTIGO

## Grito de protesto: a voz da mulher negra em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus

*Protest scream: the voice of the black woman in Quarto de despejo – diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus

**Raimunda Maria dos Santos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0493-8824](https://orcid.org/0000-0003-0493-8824)  
[professorarai@hotmail.com](mailto:professorarai@hotmail.com)

**Joelma de Araújo Silva Resende<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-4858-3412](https://orcid.org/0000-0003-4858-3412)  
[joelmadearaujosilva@gmail.com](mailto:joelmadearaujosilva@gmail.com)

**Jandira Lopes Pereira<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0001-8607-1368](https://orcid.org/0000-0001-8607-1368)  
[jandirapl@yahoo.com.br](mailto:jandirapl@yahoo.com.br)

**Recebido em:** 29 set. 2020.

**Aprovado em:** 15 mar. 2021.

**Publicado em:** 9 nov. 2021.

**Resumo:** Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* Carolina Maria de Jesus, retrata, de maneira autobiográfica, o cotidiano da vida na favela paulista entre os anos 1955 e 1960. Através da produção de um diário e com precariedade do uso padrão da língua escrita, tenta desabafar e expor os lamentos e tristezas de sua vida como mulher-negra-favelada. Assim, pretende-se investigar em que medida o texto de Carolina revela-se, resguardando o caráter ficcional, enquanto fonte de pesquisa para a compreensão da realidade histórico-social vivenciada pela mulher negra e favelada no Brasil. O estudo bibliográfico qualitativo fundamentou-se em contribuições teóricas de críticos como Raymond Williams (1969), Jaques Le Goff (2003) e Gayatri Spivak (2010). O resultado aponta que, apesar da miséria e marginalização, a mulher negra pode construir um espaço em que ela tenha voz.

**Palavras-chave:** Literatura. Subalternidade. Mulher negra. Escrita. Lugar de fala.

**Abstract:** In *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus portrays, in an autobiographical way, the daily life in the São Paulo favela between 1955 and 1960. Through the production of a diary and with precarious use of the standard written language, she tries to vent and expose the regrets and sadness of her life as a black woman from the favela. Thus, it is intended to investigate the extent to which Carolina's text is revealed, safeguarding its fictional character, as a source of research for understanding the historical-social reality experienced by black women and slums in Brazil. The qualitative bibliographic study was based on theoretical contributions from critics such as Raymond Williams (1969), Jaques Le Goff (2003) and Gayatri Spivak (2010). The result reveals that, despite misery and marginalization, black women can build a space in which they have a voice.

**Keywords:** Literature. Subalternity. Black woman. Writing. Place of speech.

### Introdução

O presente artigo discute a voz da mulher negra em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* na busca pelo entendimento das contribuições da produção escrita de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) para a criação de um espaço de fala do sujeito subalterno. Essa, através dos escritos em seus diários, revela muito mais do que simples ações do cotidiano. A autora representa a voz de protesto contra as desigualdades sociais de uma determinada época e espaço no Brasil.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Angical do Piauí, PI, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Timon, MA, Brasil.

Desde que entrou para a literatura nos anos de 1960,<sup>2</sup> Carolina de Jesus tem sido para críticos de todo o mundo o foco de estudos voltados a questões polêmicas como as relações de diferença na sociedade a exemplo da condição, não só de mulher, mas de mulher negra imersa em uma sociedade marcada pela pobreza, miséria e descaso político. Entretanto, ainda recai sobre a autora uma acentuada invisibilidade por parte da crítica literária, e muito mais ainda, no campo da História.

Embora a Literatura seja, na concepção de muitos críticos, uma representação da realidade, os historiadores resguardam-se, não concebendo a obra literária como fonte de estudo do campo da História por razões óbvias - o seu caráter ficcional. Porém, não se pode negar que, ao ler a autobiografia da autora, é possível compreender o passado vivido por uma parcela marginalizada da sociedade brasileira que a própria história reconhece.<sup>3</sup>

Moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, Carolina de Jesus trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Ela é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.

*Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi escrito na década de 1950 e conta a dura realidade dos favelados de Canindé e dos seus costumes. Carolina de Jesus relata e denuncia a violência, a miséria e a fome – bem como a dificuldade para se conseguir o que comer. A autora foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas ao ser este encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela em expansão, próxima à beira do Rio Tietê, no bairro do Canindé. Em meio a todo rebuliço da favela, Dantas conheceu Carolina de Jesus e percebeu que ela tinha muito a dizer e logo desistiu de escrever a matéria. Porém, publicou uma reportagem no jornal *Folha da Noite* em 9 de maio de 1958, que trazia trechos dos diários de Carolina de Jesus com o título “O drama da favela escrito por uma favelada”.

Nascida em Sacramento (Minas Gerais), a es-

critora mudou-se para a capital paulista em 1947, momento em que surgiam as primeiras favelas na cidade. Apesar do pouco estudo, tendo cursado apenas as séries iniciais do primário, ela reunia em casa mais de 20 cadernos com experiências vividas no cotidiano da favela, um dos quais deu origem ao livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960. Após o lançamento, seguiram-se três edições, com um total de 100 mil exemplares vendidos, com tradução para treze idiomas e comercializados em mais de 40 países.

Este estudo, de natureza qualitativa bibliográfica, situa-se no campo dos Estudos Culturais apoiando-se em teóricos como Raymond Williams (1969), justamente por entender que, no processo de formação da sociedade, há de se considerar o modo de vida das pessoas em dinâmicos processos de redefinição em decorrência das interações sociais e da maneira como a sociedade se organiza e (re)organiza constantemente.

De acordo com a teoria de Williams, pode-se, através da cultura de um povo, buscar o entendimento sobre nós mesmos e o que pretendemos ou almejamos para nossa vida. Dessa maneira, pode-se estudar a história de um povo a partir da análise de aspectos cotidianos da sociedade. Em um diálogo entre História e Literatura, o estudo fundamenta-se, inclusive, nas contribuições de JaquesLeGoff (2003), ao conceber a literatura enquanto monumento histórico e, ainda, em Gayatri Spivak (2010), que constrói uma discussão a respeito do sujeito subalterno.

Diante disso, esse estudo tem por objetivo investigar em que medida a literatura pode representar a realidade histórico-social vivenciada pela mulher negra e favelada no Brasil. O foco da investigação é em aspectos que apontam a existência (ou não) da voz da mulher - sujeito subordinado - que usa a escrita como refúgio de seu sofrimento. Para tanto, faz-se necessário: a) identificar o contexto histórico-social em que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi concebida e os conceitos sobre cultura e re-

<sup>2</sup> Conforme explica Uelinton Farias Alves – jornalista e escritor em seu artigo intitulado “A literatura de Carolina Maria de Jesus: do ‘Quarto de despejo’ para o mundo” publicado no jornal *O Globo* em 6 set. 2014.

<sup>3</sup> De acordo com os historiadores Marques, Torres e Saraiva (2003, p. 16), “No contexto metropolitano brasileiro, a questão da vulnerabilidade socioeconômica tem como um de seus temas centrais a questão das favelas”.

alidade que a permeiam; b) identificar o gênero autobiográfico de Carolina de Jesus como meio de contribuição representativo da voz da mulher negra no contexto sócio-histórico brasileiro.

### 1 Cultura, literatura e subalternidade

A obra de Carolina de Jesus é concebida em um momento histórico de desordem social, entendido por Sérgio Buarque de Holanda (2009) como descaso político ocasionado por interesses de classes detentoras do poder. Holanda (2009, p. 43) explica que se trata de uma "exploração feita com desleixo e certo abandono", que se tornou prática conveniente para a manutenção de uma sociedade fundada a partir de preceitos colonialistas, mantendo-se o binarismo social dominante/dominado.

A questão é que, tomando a cultura como herança social como afirma Câmara Cascudo (1983), pode-se conceber que tal herança agrega valores individuais e coletivos a cada experiência vivenciada pelos sujeitos. Nesse sentido, em sua totalidade, a cultura literária – a obra, por exemplo, deve ser vista como resultado de uma produção coletiva não pretendendo, porém, que a memória cultural se esgote na arte que os homens são capazes de desenvolver, mas também numa cultura fruto de uma evolução histórico-social ocorrida pela interação desses homens com o meio em uma busca pelo bem-estar. Câmara Cascudo ressalva:

Creio a civilização como uma força de gravidade unificando sem fundir as unidades socioculturais. Civilização é força como um princípio de gravidade e assemelhará ao que preside o sistema solar, mantendo a unidade orientada e em movimento no espaço sideral sem influência mutiladora nas elipses descritas pelos corpos submetidos à sua atração (CASCUDO, 1983, p. 49).

Para o autor, a cultura é transmissível e, por isso, a civilização ou formação sociocultural de um povo pode ser comparada com elemento que gravita, não perdendo fragmentos, mas esses se despreendendo e unindo-se a outras civilizações ao longo do tempo. Nesse caso, a essência da cultura permanece, mesmo com a evolução histórica, demarcando épocas e por

vezes, categorizando sociedades, conforme a ordem social que se estabelece por força das ações humanas como no caso do grupo social em que Carolina de Jesus faz parte.

Para Cevasco (2003, p. 23), a "definição de cultura passa por entendimento histórico do modo de produção" e ainda, afirma que se faz necessário lançar mão dessa herança concentrada nos grupos dominantes, através de oportunidades de acesso à produção cultural. Para a crítica, essa herança é a cultura que é passada de geração para geração e é oriunda de experiências sociais e econômicas. Carolina de Jesus teve pouco contato com a cultura escrita, mas o pouco que aprendeu na escola foi fundamental para disseminar seu modo de vida através da escritura de seu diário. E, ainda que usando a escrita como refúgio de seu sofrimento, deixa suas impressões, anseios e desejos registrados, documentados.

Le Goff (2003) compreende que a memória coletiva faz parte do grupo social desenvolvido, ou em desenvolvimento e, através de documentos, pode ser preservada.

Quando os monumentos escritos faltam à história, ela deve pedir as línguas mortas os seus segredos e, através das suas formas e palavras, adivinhar os pensamentos dos homens que as falaram. A história deve perscrutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação, todas estas velhas falsidades sob as quais ela deve descobrir alguma coisa de muito real, as crenças humanas. Onde o homem passou e deixou alguma marca da sua vida e inteligência, aí está a história (LE GOFF, 2003, p. 107).

O autor entende que por onde o homem passa deixa marca de seus sonhos, de suas crenças, de seus conhecimentos e isso pode se perpetuar com a palavra e suas formas de expressão, como faz Carolina de Jesus em seu diário. Le Goff ainda chama a atenção para o fato de que esse desenvolvimento tanto ocorre nas classes dominantes, quanto nas classes dominadas, pois todos, coletivamente, buscam um potencial maior, um meio de sobreviver, de superar, de promover-se. O autor propõe que o trabalho na preservação da memória seja no sentido de libertar o homem e não para torná-lo escravo e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, trata-se de uma obra que

instiga reflexões sobre a necessidade de libertação. Carolina manifesta sua voz por meio de uma narrativa de resgate memorialístico, mas também construído em trama de ficção pela necessidade humana de um espaço na sociedade.

Antonio Candido (1995, p. 249) afirma que a "literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante". E, tomando como base essa ideia examina-se, nesse estudo, a obra de Carolina de Jesus, buscando a cultura negra como elemento imbricado em uma sequência de fatos, vivenciados pela autora, que representam o dilema da mulher negra e favelada. Porém, uma mulher inquieta que luta pela prosperidade, mobilizando suas forças interiores, ultrapassando os limites do individualismo, por meio de seus desabaços em um diário para, quem sabe, ser ouvida.

Para Raymond Williams (1969), é por meio da comunicação, da mídia ou da literatura que se constrói a consciência coletiva global. E Carolina de Jesus faz ecoar sua voz politizada, utilizando-se de sua leitura de mundo e o conhecimento da escrita, ainda que precário, para a produção do seu diário. Assim, através da literatura autobiográfica é possível mesclar desabaço e reflexão sobre o cotidiano da mulher negra e pobre. Realidade essa que atravessa décadas sem ser percebida pelo poder político e até mesmo pela sociedade.

O gênero autobiográfico de Carolina de Jesus constitui-se como narrativa de caráter pessoal em que a autora se apresenta como personagem principal e provoca-nos, nesse estudo, uma reflexão histórico-social, servindo de instrumento de construção e reconstrução de conceitos que envolvem a posição de sujeito inferiorizado, no caso em questão, de inferiorização da mulher negra e pobre na sociedade. Gayatri Spivak (2010) constrói uma discussão a respeito do sujeito subalterno, defendendo que:

[...] a construção ideológica do gênero mantém a dominação masculina, se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66-67).

Nesse sentido, Spivak chama a atenção para a questão da formação social baseada em parâmetros machistas e também para o fato de a ordem social vigente ainda guardar ranços do processo de colonização que resultou da divisão binária homem/mulher e colonizador/colonizado. Isso não só divide gênero ou classe social, mas estigmatiza os sujeitos como se uma sociedade fosse composta por seres superiores detentores do poder e seres inferiores fadados ao descaso, ao preconceito, à miséria e à pobreza.

Ressalta-se ainda que, como o processo de colonização deu-se nesses parâmetros, em que o negro era escravizado e pobre, e o branco era o colonizador e de posses, tem-se uma sociedade marcada por preconceitos raciais e de classes, retirando do primeiro, inclusive, o direito de voz. Esta voz pode ser resgatada por políticas educacionais voltadas para a garantia da elevação da autoestima da pessoa, do acesso à informação e ao desenvolvimento da capacidade de raciocínio crítico. Quando as políticas públicas falham, entra em cena a força da sobrevivência humana.

Diante da situação de vida cotidiana difícil, miserável e abandonada à própria sorte, Carolina de Jesus vira-se como pode e busca ecoar o seu grito, do seu jeito, tão logo aprendeu, ainda que minimamente, a ler e a escrever. Na escrita há um espaço de voz que, sem dúvida, é também de liberdade nos mais diversos sentidos. É na criação verbal – através do memorial autobiográfico – que a autora encontra brecha para livremente expressar-se e se fazer ouvir.

## 2 O grito do subalterno no quarto de despejo

A análise de uma autobiografia representativa da literatura afro-brasileira implica focar no modo de vida do personagem. Inclusive, considerando que o comportamento do sujeito em um determinado espaço e época pode revelar a dinâmica cotidiana que modela a sociedade e, assim, compreendê-la.

Ao que se sabe, a expressão "quarto de despejo" refere-se ao cômodo da casa (geralmente existente entre as classes sociais mais altas)

reservado às quinquilharias ou bugigangas – objetos sem serventia alguma, fadados ao esquecimento. Pelo visto, era assim que Carolina de Jesus identificava a vida na favela do Canindé. Ora, pensando enquanto casa, o lugar em que Carolina de Jesus vive (a favela), representa o quarto de despejo da casa grande (a cidade de São Paulo). E é da favela – lugar em que se avolumam os esquecidos pelos que estão na sala de estar ou de jantar – que a voz da mulher negra e pobre se levanta.

Durante a narrativa, no diário da escritora favelada, percebe-se que a condição de miséria é relatada diariamente pela autora-narradora como em Jesus (1960, p. 9): "16 de julho. Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha". Nessa passagem do diário, compreende-se que a autora-personagem é parte de uma sociedade marcada por desordem sociopolítica e econômica.

16 de maio. Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. [...] Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? (JESUS, 1960, p. 28-29).

O espaço social ocupado pela narradora apresenta-se injusto, incerto e indigno, contrariando o que é previsto na Constituição Federal Brasileira de 1988<sup>4</sup> para os direitos do cidadão ou cidadã. Nota-se isso na falta de políticas públicas que garantam aos brasileiros direitos mínimos como alimentação. Isso também está presente no trecho do diário de Carolina de Jesus (1960, p. 45): "[...] Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu". Ainda sobre a vida precária da autora, inclui-se a falta de acesso ao mundo da escrita, como se percebe através dos desvios de grafia,<sup>5</sup> embora isso não seja impedimento para a construção do seu espaço de voz.

27 de maio... Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer (JESUS, 1960, p. 39).

O diário é usado para relato e lamento das condições em que vivem a narradora e seus filhos: "Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte" (JESUS, 1960, p. 10). Observa-se que o ato de escrever, serve para a autora como refúgio ou desabafo da situação que a vida lhe reserva:

17 de maio. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com meu filho José Carlos sem motivo (JESUS, 1960, p. 29).

A narradora questiona a ordem social que impera em seu mundo, mostrando uma atitude politizada. Nesse sentido, parece haver um descompasso entre ser pobre e favelada e ser crítica e proativa. E, em uma tentativa de diminuir a dor da miséria, Carolina de Jesus (1960, p. 26) divaga entre ser crítica e conformada como se percebe em: "9 de maio. Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando". O trecho revela os momentos de conformismo vivenciados pela autora. Porém, ela nunca deixa de fazer referência à ausência de políticas sociais para o povo:

O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. [...] Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais (JESUS, 1960, p. 28).

Spivak (2010) chama a atenção para a subalteridade do sujeito e questiona sobre o seu espaço

<sup>4</sup> Conforme Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 3º. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 26 set. 2020.

<sup>5</sup> Durante todo o texto serão mantidos todos os desvios de convenções da escrita nos trechos da obra para preservar as características peculiares da autora.

de voz na sociedade. Ao registrar seus lamentos e inquietudes sobre o comportamento dos políticos citando Cantídio Sampaio em seu diário, Carolina de Jesus cria seu espaço para falar e proporcionar ao leitor atento reflexões sobre a situação não só dos brasileiros que vivem à margem da sociedade, mas também da mulher negra e pobre.

[...] Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (JESUS, 1960, p. 34).

Embora imersa em uma sociedade marginal e fragilizada pelo preconceito tridimensional - gênero, raça e condição social -, Carolina de Jesus se posta como cidadã e reage lançando mão do recurso e habilidade que possui e a pouca escolaridade a faz capaz de gritar e se fazer ouvir. Através da escrita, ela não só tem voz, como propõe mudanças, através de uma postura proativa.

[...] Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores (JESUS, 1960, p. 35).

A autora, através de sua obra, contribui para o enfrentamento da exploração que envolve um povo estigmatizado pelo preconceito e pelo descaso político e econômico resultante da aceitação social como parâmetro de organização de uma sociedade. Essa contribuição ocorre à medida em que seu diário é tomado como instrumento de análise e interpretação da realidade.

Em sua obra, Carolina de Jesus não se tornou apenas uma coadjuvante diante de temas tão recorrentes, dentre eles a fome, problema com o qual trava uma batalha diária. Além desse problema, outras situações de conflito aparecem ao longo de seu diário. Há momentos em que Carolina de Jesus faz comparações entre os seres humanos e os animais, afirmando sentir inveja

dos bichos. Quando ganhava restos de alimentos dizia que era para seus animais "cachorros":

Pelo o que observo, Deus é o rei dos sábios. Ele pois os homens e os animais no mundo. Mas os animais quem lhes alimenta é a Natureza porque se os animais fossem alimentados igual aos homens, havia de sofrer muito. Eu penso isto, porque eu não tenho nada para comer, invejo os animais (JESUS, 1960, p. 61).

Todos os dias, Carolina de Jesus buscava em suas necessidades forças para sobreviver, catando materiais para vender e comprar comida para seus filhos. Mas nem sempre isso era o bastante, houve momentos em que ela pensou em dar fim a todo o sofrimento vivido. "Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa" (JESUS, 1960, p. 35). Aqui fica claro que para acabar com todo o sofrimento, a morte seria a solução para aqueles a quem são negadas condições básicas para viver. Apesar de todos esses sentimentos, Carolina de Jesus em meio a tantos problemas enfrentados, cultivava a esperança e sonhos que a levavam por um momento a estar longe da favela.

Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia a terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso (JESUS, 1960, p. 117).

*Quarto de despejo* não se restringe somente a relatos da rotina de catadora. Em suas narrativas, Carolina de Jesus demonstra uma preocupação social e política, não poupando palavras para denunciar o que acontecia de errado. Demonstrando criticidade, ela denuncia a falta de assistência por parte dos políticos que procuram as favelas somente no ano eleitoral. "De quatro em quatro ano muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursões nos lares dos operários" (JESUS, 1960, p. 40).

Com esse posicionamento crítico, a autora deixa clara a falta de compromisso dos políticos, algo comum ainda nos dias atuais, o uso da massa para conseguirem votos por meio de promessas de melhorias e, assim, se elegerem. Quando ga-

nham, todas as promessas são esquecidas e com o passar dos quatro anos tudo volta a se repetir.

Outra crítica feita pela autora é contra os comerciantes que despejam restos de comidas estragadas próximo da favela sem se preocuparem com os moradores que ali residem:

Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual a Cesar quando torturava os cristãos. Só que Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguidos pela fé. E nós, pela fome! (JESUS, 1960, p. 146).

Outro aspecto preocupante segundo Carolina de Jesus são os altos custos dos gêneros alimentícios, que para aqueles que não têm uma renda se torna mais um obstáculo para a sobrevivência. "Fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 de sabão. Mandei somar. 100 cruzeiros, o açúcar aumentou. A palavra da moda agora é aumentou. Aumentou!" (JESUS, 1960, p. 134). Ela também se mostra preocupada com as coisas presenciadas pelas crianças, por estarem em um ambiente sem pudores, terminam presenciando cenas inapropriadas.

E o pior na favela é o que as crianças presenciavam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho. Depois os comentários entre as crianças (JESUS, 1960, p. 45).

A exclusão social se caracteriza não só pela extrema privação material, mas, principalmente, porque essa mesma privação material "desqualifica" seu portador, no sentido de que lhe retira a qualidade de cidadão, de brasileiro (nacionalidade), de sujeito e de ser humano, de portador de sujeito, vontade e interesses legítimos que o identificam e diferenciam. Tal exclusão significa, então, o não encontrar nenhum lugar social, o não pertencimento a nenhum topo social, uma existência limitada à sobrevivência singular e diária (SCOREL, 1999, p. 81).

Para os excluídos que não possuem sua ci-

dadania respeitada só resta serem depreciados por toda a sociedade; essas privações sofridas são relatadas no diário de Carolina de Jesus, e a mesma em alguns momentos descreve o desprezo lançado contra os favelados.

[...] Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de ódio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres (JESUS, 1960, p. 55).

A condição subumana vivida pela escritora fez a mesma nos relatar as vezes que dormia junto com seus filhos sem ter o que comer, contando suas angústias, depois de um longo dia de coleta e não ter o que levar para dar aos seus filhos. "Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago" (JESUS, 1960, p. 99).

Os demais moradores da favela tinham consciência de que Carolina de Jesus era diferente, e ela sempre deixava claro de que ao se meterem com ela, eles correriam o risco de aparecerem em seu diário, diário esse que carregava toda a vivência na favela, e a esperança de um dia tirar sua autora da miséria. "As rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz" (JESUS, 1960, p. 21).

Carlos Vogt (1983, p. 210) compara os diários da escritora a "uma espécie de livro de São Miguel, livro do juízo, onde ameaça anotar os comportamentos 'errados' dos seus vizinhos". O linguista ainda faz uma observação a respeito do comportamento de Carolina de Jesus.

De um lado, a autora pertence ao mundo que narra e cujo conteúdo de fome e privação compartilha com o meio social em que vive. Do outro, ao transformar a experiência real da miséria na experiência linguística do diário, acaba por se distinguir de si mesma e por apresentar a escritura como uma forma de experimentação social nova, capaz de acenar-lhe com a esperança de romper o cerco da economia de sobrevivência que tranca sua vida ao dia-a-dia do dinheiro-coisa (VOGT, 1983, p. 210).

Essa divisão de identidade só nos confirma o quanto a autora era diferente dos demais moradores,

talvez por possuir um "olhar de poeta", capaz de ver oportunidades em lugares inesperados. Carolina de Jesus nunca deixou de sonhar por dias melhores, mesmo quando tudo ia ao contrário de seus planos.

Para ElfiKürten Fenske (2014), estamos diante de uma mulher, negra, pobre, com baixa instrução escolar. Porém, trata-se de uma cidadã que luta contra a humilhação social e moral escancarada na favela do Canindé. A publicação de suas anotações no diário sofreu cortes cronológicos para ajustes de ordem gráfica, mas isso não afetou o curso da narrativa de sua vida cotidiana. Fenske considera que isso possa ocorrer, justamente, porque a fome é constante, isto é, recorrente e essa continuidade é que sustém o fluxo contínuo da narrativa. Ademais, sustenta o caráter de reprodução continuada também da situação da pobreza e do trabalho precário.

Carolina de Jesus seguia um ciclo repetitivo. Muito cedo se levantava para pegar água, logo após, catar materiais recicláveis para vender e poder levar algo para os filhos. Repetidas vezes seu serviço não era o bastante para pôr comida na mesa, terminando assim um dia sem comer. Ela nos relata que só restava escrever. Carolina de Jesus vivia experiência sentimental devastadora, porque sempre oscilava entre desânimo e alegria. Segundo Fenske (2014), a falta de tudo que é básico para sobrevivência e manutenção da uma vida digna, principalmente, para os seus filhos é o que lhe fazia sofrer.

A disposição em tudo anotar tinha um propósito maior: o de servir de denúncia sobre a questão da moralidade, da honra e do direito às condições humanas que eram negadas aos moradores da favela. Estes estavam esquecidos no "quarto de despejo" da cidade como se fossem objetos de pouca ou nenhuma valia. Fenske (2014) entende que Carolina de Jesus não escrevia para buscar um sentido para sua vida, mas para gritar ao mundo a dura realidade social dos tempos modernos nos anos 1950.

Em 13 de fevereiro de 1977, Carolina de Jesus faleceu em um sítio, na periferia de São Paulo. Considerada uma das mais importantes autoras para a nossa literatura afrodescendente, ela foi

dona de uma escrita, capaz de relatar o que nenhum outro autor foi capaz de escrever, a miséria vivida nas periferias: "A pior coisa do mundo é a fome" (JESUS, 1960, p. 191).

Segundo Viana (1995), através da publicação de seus diários, Carolina de Jesus tornou-se protagonista de sua história, uma vez que pôs no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações; e através de sua escrita tornou-se sujeito com voz ativa, gritando não só por si, mas também por todos que estavam na mesma situação que ela. Seus escritos eram reveladores, com experiências que só ela teria como trazer, já que vivia aquela realidade; fez todos os clamores de um miserável. Gritava por uma vida mais justa, mas principalmente por comida. Em um trecho ela escreveu:

Sai triste porque tinha nada em casa para comer. Olhei o céu. Graças a Deus não vai chover. Hoje é segunda-feira. Tem muitos papeis nas ruas. No ponto do bonde, eu me separei da Vera. Ela disse: - Faz comida, que eu vou chegar com fome. A frase cômoda fica eclodindo dentro do meu cérebro. Parece que o meu pensamento repetia: Comida! Comida! Comida! (JESUS, 1960, p. 175).

Os relatos presentes na obra de Carolina caracterizam sua escrita como uma literatura autobiográfica, porém, não podendo ser considerada tão somente no seu aspecto pessoal, mas numa perspectiva coletiva. Ao narrar, a autora-personagem compartilha seu modo de sentir e ver o mundo. Para Ricouer (2000), esse tipo de literatura configura-se enquanto marca sentimental, mas também como marca social, lugar de fala, manifestação de alteridade. Os constantes questionamentos político-sociais presentes na obra, assim como as denúncias da discriminação social que sofria, marcam a marginalização dentro da marginalização.

Mediante a essa observação feita por Ricouer (2000), vale destacar essa marca de marginalização sofrida por Carolina. No seu cotidiano, ela nos falará da discriminação sofrida por ser pobre, negra, mulher, catadora de papel e até mesmo por ser mãe solteira. Carolina deixa claro o orgulho que é ter a pele negra.

- É uma pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo

rustico. Eu até acho meu cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça eleja sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre negra (JESUS, 1960, p. 64).

Negrinha metida, chata e bisbilhoteira eram alguns adjetivos dados para Carolina de Jesus por moradores da favela de Canindé. Para muitos ela foi um incômodo, já para outros a certeza de que ela foi a porta voz dos excluídos, e a prova de que a literatura pode fazer a diferença na vida de muitos que cultivam seus sonhos, além de se tornar uma ferramenta de manifesto. "Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido" (JESUS, 1960, p. 39).

Considerando o exposto, a escritora, com seu comportamento politizado e crítico contribui, através da escrita de seu diário, para o entendimento do modo como a sociedade tem se organizado no Brasil. Evidentemente que não se trata de uma fonte primária para análise e compreensão da realidade, mas muito mais que isso; é um instrumento que, embora resguardando-se o caráter ficcional de uma obra literária, representa a voz do subalterno.

### Considerações finais

Ao lançar um olhar crítico sobre a obra literária de Carolina de Jesus registra-se que o gênero autobiográfico provoca reflexões sobre questões políticas e de estigmatização, preconceito racial e social que envolve a mulher negra no contexto sócio-histórico brasileiro. Revela-se, porém, que apesar de todas as mazelas e discriminações, a mulher negra e favelada pode construir um espaço em que ela tenha voz. A partir do acesso ao mundo da escrita e concretização desse conhecimento na produção do diário, a narradora traz alívio para seu mundo interior. Com a descoberta de seu diário por um jornalista, ela faz com que o mundo ouça o grito da favela. Assim, quando os sujeitos têm acesso ao ambiente escolarizado, estes passam a ter mais força para reivindicar direitos, questionar atitudes preconceituosas,

construindo uma identidade cultural/racial/étnica de forma a se verem e serem vistos pelos outros como uma identidade legítima, que não pode ser usada para justificar a dominação e a exploração econômica, como se fez e se faz no Brasil desde os tempos da colonização.

Em síntese, a obra literária *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus serve como instrumento de compreensão da realidade histórica e social vivenciada pela mulher estigmatizada pela sua condição feminina, inclusive, por ser pobre e negra. Aponta o quanto a escrita, desde que haja certo domínio, pode garantir o poder de fala dos sujeitos, independente das condições sociais em que eles se encontram. A obra em questão revela-se importante, inclusive, por seu potencial crítico-reflexivo a respeito de questões histórico-sociais que envolvem gênero, raça, etnia e classes sociais dominantes e dominadas, dentre outros aspectos como o político-econômico. Em outras palavras, através da análise do diário, revela-se a dura realidade brasileira da vida na favela nos anos 1950 e ainda, apesar da miséria e marginalização, a mulher negra pode construir um espaço em que ela tenha voz.

### Referências

- ALVES, Uelinton Farias. A literatura de Carolina Maria de Jesus: do 'Quarto de despejo' para o mundo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 set. 2014. Prosa, p. 3.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1995.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CEVASCO, Maria Eliza. *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- SCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FENSKE, Elfi Kürten. *Carolina de Jesus – a voz dos que não têm a palavra*. Templo Cultural Delfos, Rio de Janeiro, ano XI, maio 2014. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em: 26 set. 2020.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo; SARAIVA, Camila. Favelas no Município de São Paulo: estimativas de população para os anos de 1991, 1996 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 15-30, maio 2003.

RICOEUR, Paul. *La historia, la memoria, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica de Argentina, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine*: memórias de mulheres. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 204-213.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

Caixa Postal 15002  
Agronomia, 91501-970  
Porto Alegre, RS, Brasil

Joelma de Araújo Silva Resende  
Instituto Federal do Piauí – Campus Angical  
R. Nascimento, 746  
Centro, 64410-000  
Angical do Piauí, PI, Brasil

Jandira Lopes Pereira  
Universidade Estadual do Maranhão  
Rua Travessa Timbiras, S/N  
Centro, 65630-160  
Timon, MA, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*

---

### Raimunda Maria dos Santos

Doutoranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestra em Letras – Literatura pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil; professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil.

---

### Joelma de Araújo Silva Resende

Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil; mestra em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Teresina, PI, Brasil; professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Piauí (IFPI) em Angical do Piauí, PI, Brasil.

---

### Jandira Lopes Pereira

Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil; professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (CESTI/UEMA), em Timon, MA, Brasil

---

### Endereço para correspondência

Raimunda Maria dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Av. Bento Gonçalves, 9500, Campus do Vale, Prédio 4322, sala 122